

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Literatura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

**DO REGIONAL AO NACIONAL: a construção da  
identidade rondoniense em textos literários**

Geane Valesca da Cunha Klein<sup>1</sup> (UNESP/UNIR)

**1. A situação da literatura em Rondônia**

Não há unanimidade quando o tema é Literatura de Rondônia, haja vista a própria construção espacial, histórica e social recente e emergente. As obras produzidas, muitas vezes, pendem para o retrato da realidade, em um misto de história enquanto registro e de ficção como interpretação dos fatos. Pensar a construção da significação do cotidiano pelo viés literário equivale a lançar um olhar demarcador das características de “violência organizada contra a fala comum” (EAGLETON, 2003). Se não há uma essência puramente literária, não é problema incluir obras não canônicas sob tal nomenclatura. Entretanto, um mapeamento das produções tem sido realizado pela equipe do projeto Mapa Cultural de Rondônia e

A análise da produção literária realizada em Rondônia mostra, quando se trata dos autores mais antigos, uma incipiente e às vezes ingênua visão do ofício literário (...) Não há nela também traços de uma cultura regional, mesmo porque esses traços inexisiam, visto ter sido produzida num contexto de intensa migração. (...). Constata-se nela do ponto de vista formal acentuada preocupação emotiva em detrimento das causas e estruturas estéticas. Cultivada por médicos, jornalistas, engenheiros, homens públicos e educadores que de um modo ou de outro se ocupavam de **constituir um universo cultural que os ambientasse e fortalecesse neles o sentimento de humanidade e de cultura.** (grifo nosso) (DUARTE, 2007, n.p.)

A necessidade de construir um universo cultural agregador das diferenças e capaz de justificar a própria existência dos sujeitos orientou as escritas e, daí a evidência dada aos aspectos telúricos e identitários. Uma análise geral revela a constância da formação cultural e identitária do estado, que ainda passa pelo processo um tanto mítico de construção de figuras heroicas.

# 15ª Jornada Nacional de Literatura

## *Leituras jovens do mundo*

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

De 27 a 31 de agosto de 2013  
UPF  
Passo Fundo (RS), Brasil.

### 2. O tempo na constituição da Literatura Rondoniense

Em maior ou menor intensidade os textos literários se alimentam do real, pois toda produção estética de um escritor corresponde a construções de uma mentalidade que gerou e é gerada pela literatura. A medida que são utilizados recursos diferenciados, os vínculos espaciais e temporais tornam-se elásticos, e desencadeia-se a transtemporalidade textual, possibilitando ao texto a permanência para além do tempo. Isso ocorre, pois um texto literário não retrata a realidade, mas a transforma, usa-a como modelo para arquitetar mundos pela metáfora, caricatura, alegoria e verossimilhança. Embora em Rondônia grande parte das produções regionais ainda faça a correspondência entre literatura e realidade de maneira direta, percebe-se uma crescente modificação da escrita e do modo de se pensar/fazer literatura.

Na produção dos últimos anos é possível perceber uma tendência nova, mais informada estética e literariamente e, de certo modo, mais coesa e organizada, mesmo que não se constitua ainda num sistema ou apresente lastro para ser absorvida, com raríssimas exceções, pelo sistema literário mais abrangente. São essas raríssimas exceções e seu intento implícito de inserção no sistema literário nacional que torna aceitável e mesmo desejável um olhar distinto sobre ela, pois tratam-se de vozes que esboçam um olhar e um discurso ao mesmo tempo local e universal. (PEREIRA, 2013, n.p.)

É possível que tal modificação tenha ocorrido ao passo em que se deu o entendimento de que um texto é literário pela sua capacidade de “pairar” sobre o tempo. Além disso, contemporaneamente vive-se a chamada ‘heterogeneidade multitemporal’, com diferentes sociedades coexistindo no mesmo tempo presente em distintos tempos históricos do moderno. Nesse movimento, os textos evidenciam a contradição entre o ser um sujeito-em-si e o ser-se estranho, procurando encontrar a fixação, a completude, o inteiro; mas deixando-se deslizar nas não-coincidências.

### 3. Literatura e identidade em Rondônia

Considerando-se que a identidade se afirma e se constrói na diferença, entende-se que a busca de uma identidade aproxima as pessoas e as marca com características comuns. As visões de espaço e fronteira vinculam-se diretamente à formação de uma

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

identidade local, regional ou nacional. Exemplar da relação história e literatura é a obra “Madeira-Mamoré: o vagão dos esquecidos”. O livro é escrito em forma de epopeia e, segundo seu prefaciador,

Organizando sua obra em perfeita ordem cronológica, seguindo rigorosamente o desenvolvimento dos acontecimentos históricos em torno da legendária linha férrea, o Autor consegue conduzir o leitor, passo a passo, pelos intrincados caminhos que ligam a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré às mais distantes paragens do mundo, da Europa à Oceania, da América do Norte à América do Sul, do Canal da Mancha aos Mares do Caribe, nada deixando escapar em termos de detalhes que cercam o objeto de sua epopeia. (2000, n.p.)

O prefácio da obra, enquanto operador discursivo, orienta à produção da leitura construindo determinados efeitos de sentidos se efetivem. É ele que define as condições em que a escrita torna-se texto – entendido como possibilidade/sustentáculo do discurso, produzido sobre uma discursividade que apresenta fatos com relevante conceito moral e atos heroicos de uma saga mítica. Além disso, é um lugar de contradição, pois o prefaciador informa que a epopeia guiará o leitor “pelos intrincados caminhos que ligam a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré às mais distantes paragens do mundo”, ao mesmo tempo em que todo o texto apresenta forte marcação histórica, temporal e geográfica. Ou seja, primeiro se apaga a diferença pela orientação de leitura via universalidade e, num segundo plano, a voz da diferença desponta na singularidade do cenário e das personagens que aparecem na epopeia. O quadro discursivo é paradoxal: por um lado pretende fazer falar a literatura maior, universal, através da menor, a regional; por outro lado, intenciona ressaltar a existência de algo singular, que não se mescla, que se diferencia e se mostra como não-coincidente. Esse anseio por construir representações identitárias regionais, na maioria dos estados brasileiros, ocorreu em fins do século XIX e princípio do século XX, concomitante à criação e consolidação do Brasil como Estado-nação moderno. Nesse período, em Rondônia, iniciavam-se as investidas de construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, bem como a ocupação do estado, a partir assinatura do Tratado de Petrópolis, em 1903.

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

A consolidação tardia como estado da federação, os contínuos movimentos de ocupação e exploração e até o meio inóspito acabaram por fazer com que esse movimento de construção identitária se prolongasse, tornando-se presente ainda nas produções contemporâneas. A emergência de regionalismos, segundo Oliven (1992), ressalta as diferenças entre regiões, mas o faz tendo em vista construir identidades próprias. A construção de uma identidade regional não exclui a identificação com algo como o sentimento nacionalista, ou a ideia de brasilidade. Em Rondônia, assim como no restante do Brasil, o nacionalismo funda-se na miscigenação étnica-cultural e na fusão “harmônica” de raças e culturas.

A justaposição é vista numa perspectiva pragmática de composição do “mosaico cultural, bastante acentuada no cordel “Um repente para Rondônia”, de Albuquerque (2012), composto por 29 estrofes, nas quais são evidenciadas as diversas origens do rondoniense, caracterizado, sobretudo, como povo trabalhador e destemido. Veja-se a 7ª estrofe: “Sempre que alguém pergunta/Que povo é esse que veio/Que do trabalho, da terra/Não tem medo, arreceio./Eu respondo, olhe em volta/Pois gente é brasileira,/Veio de todo o Brasil/Pro Mamoré e Madeira”. Ao definir que os sujeitos são “gente brasileira”, evoca-se da memória coletiva o sentimento de nacionalidade e de brasilidade, enaltecendo características positivas e denegando negativas. Poucos eram os rondonienses de nascimento no momento das primeiras publicações e , mesmo nos dias atuais, a presença de emigrantes ainda é intensa. A 25ª estrofe do cordel aponta que fazem parte da constituição da cor local aqueles que nasceram em outras terras: “Mesmo os que aqui não nasceram –/Rondonienses também –/A história conta e nos diz,/ Ela não livra ninguém.”

Aos olhos de tantos que escrevem sobre Rondônia, evidencia-se a ideia de um Brasil dentro do Brasil, o qual precisa ter sua identidade definida e divulgada. As figuras que permitem a reapropriação do mito são os pioneiros, “gente de paz e ordeira”, conforme versos do cordel: “Agora passo a contar,/Do Mamoré ao Madeira,/A história desta Rondônia,/Gente de paz e ordeira./Trabalho deu bom recado,/Mostrando sua bandeira/No progresso há deixado/A marca que é de primeira”. Como se percebe ao

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

longo de todo o cordel, e em especial nos dois últimos versos da 13ª estrofe, o sentimento de nacionalidade é exaltado pelo viés regionalista: “Me sinto mais brasileiro/No Madeira e Mamoré”. A relação entre identidade nacional e regional explica-se pela forma com que se deu a efetiva ocupação do estado de Rondônia, na época Território Federal do Guaporé. Vale lembrar que em 16 de julho de 1970 o Presidente Médici instituiu, por meio do Decreto-Lei nº1106, o Plano de Integração Nacional – PIN, tendo em vista preencher os vazios demográficos do país. Nessa mesma época, o nordeste brasileiro havia sido assolado por grandes secas que levaram muitos nordestinos a imigrar para a região norte, recebendo incentivo do governo que veiculava os lemas "integrar para não entregar" e "uma terra sem homens para homens sem terra". Os sentimentos de integração, defesa do território, delimitação de fronteiras e defesa da pátria contribuíram também para a construção da identidade nacional.

Da 12ª à 23ª estrofe são indicados os vários estados ou regiões brasileiras das quais os povos migraram para construir o Território Federal do Guaporé. O somatório dessas diferenças define a identidade nacional enquanto construção estereotípica, que busca definir um sujeito centrado, particular e autêntico. Tal construção decorre do movimento de assumir a nova condição como definidora de sua própria subjetividade, assim mostrada claramente na 18ª estrofe: “Estado de Mato Grosso/Foi donde vim eu também,/Pra não deixá-la chorando/Comigo trouxe meu bem./Mulher com um na barriga,/Dois lhe agarrando no pé,/Agora somos caboclos/No Madeira e Mamoré”.

O regionalismo tem diferentes facetas e representa posições de grupos distintos, sendo que o processo pelo qual se constituem as identidades sociais é análogo ao processo político de definição de territórios: ambos derivam das mesmas estruturas de poder. Em Rondônia era preciso garantir que todo o passado tumultuado de construção da estrada de ferro Madeira Mamoré - primeiro pelos ingleses, depois pelos americanos - fosse amenizado e que a imagem negativa do local fosse trabalhada para que o espaço vazio na geografia brasileira fosse ocupado, a segurança nacional fosse fortalecida e estivesse garantida a extração de minérios e outros produtos de interesse econômico.

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

A ideia de trabalho sempre foi forte em governos militares, que a propagavam como a alavanca do progresso. Ao lado dos lemas “em se plantando tudo dá”, dar “terras sem homens para homens sem terras” e dispostos a trabalhar pela unificação do país, fazendo o movimento de “integrar para não entregar”, foi construindo-se a imagem dos destemidos pioneiros que desencadearam o processo de colonialismo interno. A 8ª estrofe retrata esse caráter heroico, lembrando ao leitor que todo indivíduo que não se encaixa no perfil idealizado, acaba por ser “mandado embora”. Veja-se: “Se tem trabalho na terra/Para quem quer trabalhar,/Estudo se faz presente/Se você quer estudar./Malandro aqui não se cria,/Quer seja homem ou mulher,/Expulso, foge de vez/Do Madeira e Mamoré”. Idealiza-se, pelo viés narrativo, um tipo almejado que não encontra um correspondente real, pois todo local tem seus aqueles que fogem ao conceito heroico preconizado. Nesse processo, as representações escritas, ao mesmo tempo em que procuram fixar homogeneamente um tipo sujeito, deslizam e demonstram que isto a que se procura definir como identidade rondoniense é efeito de uma heterogeneidade constitutiva. Veja-se a 11ª estrofe: “Eu vim do nosso país/Eu vim do país inteiro,/Sou filho e faço parte/Deste Brasil brasileiro/Inda que saudade doa,/Me sinto em casa, até,/Fiz pouso às margens dos rios/Madeira e Mamoré”. Ao evidenciar “me sinto em casa, até” fica implícito um sentido que deve ser recalcado, de certa desconformidade entre toda a exuberância atribuída ao estado e de toda a força que o sujeito faz para integrar-se a ele, e o saudosismo que carrega consigo, de outras paragens, gentes, formas de vida. Entretanto, esse sentimento logo é recalcado e volta-se a enfatizar o “pouso às margens dos rios Madeira e Mamoré”. Vislumbra-se que o efeito de sentido fixado ocorre perante o recalçamento de outros e que o processo de construção não é unidirecional, ao se constituir, ao referir-se a si, segundo certos processos de identificação, o eu da enunciação subjetiva-se em meio às múltiplas formas para chegar a fixar uma.

O “Poema para o Território Federal do Guaporé, hoje Estado de Rondônia, e seu povo”, na quinta estrofe aponta para a múltipla formação do povo que habita as terras de Rondônia: “É gente de toda parte/Numa confusa mistura./Uns vêm mesmo pra

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

ficar,/Outros vêm por aventura,/Uns se enriquecem depressa,/Outros só de passo à passo:/Alguns conseguem sucesso,/Outros tremendo fracasso”. Entretanto, esta fluidez é desfeita na estrofe seguinte, quando há uma aproximação de todos os que compõem a “confusa mistura”, por meio dos predicativos “forte”, “bom”, “corajoso”, “destemido”: “É um povo forte e bom,/Corajoso e destemido./É povo agarrado à terra,/Como um corpo reunido./Precisa ser conhecido,/Pelo valor que ele encerra./Se tornando um rico exemplo,/Para o resto desta terra”. Essa fixação do sujeito numa posição (supra) valorativa equivale a uma representação estereotipada que oscila entre o medo e o desejo da diferença. Afinal, é incômoda a ideia de um corpo esfacelado, espedaçado, sem coerência. Destaca-se também o desejo de ser reconhecido pelo outro – “Precisa ser reconhecido/pelo valor que ele encerra”. Tal desejo aponta para a dimensão imaginária em que a conquista da identidade se processa pela influência do olhar do outro, deslocando o sujeito para uma posição simbólica. Esse embate entre a fixação da identidade e o deslizar perante a multiplicidade mostrada das identidades é constante e contínuo. A intensidade do hibridismo é um processo natural, visto que “O mundo ocidental está se mesclando de tal forma que parece não haver mais a possibilidade de se encontrar indivíduos absolutamente ‘puros’ no sentido cultural, social, biológico e étnico” (BARZOTTO, 2010, p. 23). Contudo, a busca pela identificação ao sujeito iluminista - centrado, dotado de uma identidade particular e autêntica – é um efeito da interdição. É preciso esquecer outras vias de constituição e manter atuais os discursos de fixação a fim de que a essência da construção da subjetividade seja a transformação da história em natureza, o fato da "tradição" adquirir um estatuto natural - esvazia-se a história para que outra "história" seja produzida sob o efeito da homogeneidade.

### **Considerações Finais**

As produções rondonienses apresentam estética marcada realista, em referência paródica da realidade e, muitas vezes, constituem-se de excertos de sagração mítica. Constante é a reatualização da história da conquista e colonização do Brasil, tendo o movimento de ocupação do estado se dado nos mesmos moldes, como uma colonização

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

interna. A condição de textualidade de grande parte das produções faz-se na apresentação de experiências de vida de quem enfrentou os mais variados infortúnios. Homem e terra muitas vezes se confundem no suor, nas lágrimas, no esforço. Pretende-se passar lições, ensinamentos, orientações aos mais jovens que não vivenciaram tais adversidades, para que eles aprendam a honrar e valorizar a terra em que moram. Santiago (1978, p. 22) alerta para a evidência de que se um autor escrever “somente sobre sua própria experiência de vida, seu texto passa despercebido dos contemporâneos”. Contudo, de maneira positiva, tais experimentalismos podem ser vistos como formas de apropriação de modelos arquetípicos, uma vez que se considere que “É preciso que aprenda primeiro a falar a língua da metrópole para melhor combatê-la em seguida”. Vale ressaltar o processo de maturação das produções escritas em Rondônia neste começo de século XXI, as quais ainda que remontem necessariamente a outras que vieram antes, o fazem não mais por mera reprodução, mas por assimilação.

**Referências**

- ALBUQUERQUE, C R C de. **Um repente para Rondônia I.** In: Rondônia & seus autores – I. Porto Velho/RO, 2012.
- BARZOTTO, L. A. **O entre-lugar na literatura regionalista:** articulando nuances culturais. Raído, Dourados, MS, v. 4, n. 7, p. 23-36, jan./jun. 2010.
- BOUCINHAS, C. V. **Poema para o Território Federal do Guaporé, hoje estado de Rondônia, e seu povo.** In: Antologia da Prosa e Verso Rondoniense, Vol. II. Porto Velho/ RO: 1994
- DUARTE, O. **Mapa Cultural de Rondônia:** relatório técnico. Vilhena: Unir, 2007. Disponível em: < <http://www.josevaldir.com/site/10/noticias/folha.asp?cod=2716>> , acesso em 19 de fevereiro de 2013.
- EAGLETON, T. **Teoria da Literatura:** uma introdução. SP: Martins Fontes, 2003.
- OLIVEN, R. G. **Modernidade e identidade nacional.** In: KERN, A. (org.). Sociedades Ibero-americanas: reflexões e pesquisas recentes. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.
- PEREIRA, J. V. **Panorama da Literatura Rondoniense.** Disponível em: < <http://www.josevaldir.com/site/10/noticias/folha.asp?cod=2716>> , acesso em 19 de fevereiro de 2013.
- SANTIAGO, S. **Uma literatura nos trópicos:** ensaios sobre dependência cultural. SP: Perspectiva, 1978.
- SILVA, A. C. **Madeira-Mamoré: o vagão dos esquecidos.** 2. ed. Porto Velho: 2000.



**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

---

<sup>i</sup> Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/São José do Rio Preto e Professora Assistente II na Universidade Federal de Rondônia Unir/Porto Velho/Brasil. E-mail: geanevalesca@hotmail.com